

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

**A DIMENSÃO PEDAGÓGICA E COMUNICACIONAL  
DA FESTA JUNINA NAS ESCOLAS DE PILAR:  
UMA PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA**

**Salomé Magali García Terrazas**

**Maceió – 2006**

**SALOMÉ MAGALI GARCÍA TERRAZAS**

**A DIMENSÃO PEDAGÓGICA E COMUNICACIONAL  
DA FESTA JUNINA NAS ESCOLAS DE PILAR:  
UMA PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA**

**Maceió – 2006**

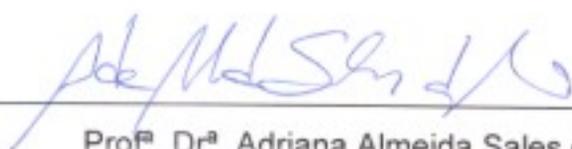
**SALOMÉ MAGALI GARCÍA TERRAZAS**

**A DIMENSÃO PEDAGÓGICA E COMUNICACIONAL  
DA FESTA JUNINA NAS ESCOLAS DE PILAR:  
UMA PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA**

Dissertação de mestrado na área de concentração Educação Brasileira, apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do grau de mestre, sob a orientação do Prof. Dr. Moisés de Melo Santana.

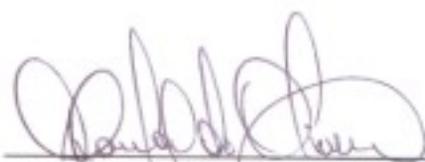
**Maceió – 2006**

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profª. Drª. Adriana Almeida Sales de Melo  
Universidade Federal de Alagoas  
orientadora



---

Prof. Dr. Ramon de Oliveira  
Universidade Federal de Pernambuco  
Examinador



---

Profª. Drª. Laura Cristina Vieira Pizzi  
Universidade Federal de Alagoas  
Examinador

**Aos meus pais, Alejandro (in memoriam) e Maria Luisa,  
pelo ensino do amor e respeito ao outro;  
Para minha irmã Maria Alejandra, pelo carinho;  
À Helena, pelo companheirismo, cumplicidade e idéias trocadas;  
A meus amigos Severina e Cleber, pela solidariedade.**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por haver me dado saúde, fé e força nesse novo caminhar, e grata pela oportunidade nestas terras novas.

Ao meu orientador, professor Moisés de Melo Santana, pela indescritível generosidade, apoio e, sobretudo pela competência profissional e seriedade com que conduziu o nosso trabalho e diálogo intercultural.

À CAPES, pela importante concessão de bolsa de estudo, no período de março de 2003 até fevereiro de 2005.

Ao Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, pela oportunidade que me foi dado de sonhar e fazer realidade esse sonho, e pelo apoio e absoluto acolhimento humanizador e dialógico.

Aos meus caros professores, professoras e colegas do Programa de Pós-Graduação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, indistintamente, pelas contribuições, ensinamentos que proporcionaram e críticas que me foram de grande valia neste novo caminhar.

Às professoras Laura Cristina e Magnólia Regane, pelas importantes sugestões e contribuições.

À Prefeitura Municipal de Pilar, através da Secretaria de Educação Municipal Esporte e Cultura, pela colaboração, por haver oportunizado seus espaços e compartilhado suas experiências didática.

Ao Fórum de Pilar Des. Antonio Sapucaia de Silva, através do pessoal administrativo, por haver oportunizado seus espaços para a defesa da Teses de Dissertação de Mestrado.

Ao povo de Pilar, orgulhoso de suas tradições e história, pela generosidade e por deixa me viver suas festas e compartilhar além das diferenças culturais.

A Sérgio Moraes, José Inaldo, José Benjamin e aos Mestres de Folgado, pelas informações e pelo empréstimo de documentações sobre Pilar, além do apoio, solidariedade e compartilhar o projeto como próprio.

À Escola Municipal de Ensino Fundamental Thomas Popeu de Souza Brasil Filho – SESI – Extensão da U. Escolar M. Padre Cícero, professoras, alunos/as e especialmente a professora Maria Aloisia de O. Carvalho, pela solidariedade e oportunidade que me deram para desenvolver a pesquisa e por haver acreditado na proposta.

Aos meus amigos Aloisia, Waldeney e Anna pela atenção e amizade e a Rossana, pelas sugestões nas primeiras incursões no tema.

Ao “guerreiro da cultura popular alagoana”, Ranilson França (in memoriam), que mostrou a riqueza da cultura popular alagoana e o reconhecimento e valorização aos Mestres e Mestras de Folgedos de Alagoas/Pilar.

A todos que, de alguma maneira, contribuíram para a elaboração deste trabalho.

***Folclore é cultura viva... quando falo do folclore alagoano, não falo com saudosismo... é a cultura viva do povo que nós não podemos deixar de reconhecer.  
(Ranilson França)***

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a inter-relação entre educação, comunicação e cultura, presente no processo pedagógico da Festa Junina nas escolas do Ensino Fundamental no município de Pilar. Com o objetivo de refletir a possibilidade de desenvolver habilidades e tendências comunicacionais nos alunos, provendo sua capacidade crítica frente aos meios de comunicação, novos espaços pedagógicos mediáticos que propiciem a valorização, preservação e difusão da cultura popular de Pilar, na proposta de um currículo mais amplo. Desse lugar, tomou-se como objeto empírico – o projeto pedagógico e o vídeo ‘amador’ do “1º SESICULTURA – Festa Junina” – tinha como objetivo mobilizar a interação entre a escola e a comunidade local em torno da Festa Junina. Para o presente trabalho, foi adotado a abordagem teórica/metodológica e prática, dadas às características da pesquisa, apoiada nos pressupostos da pesquisa participante, também possibilitou caminhar nas técnicas da pesquisa etnográfica, num esquema aberto, mediada pela abordagem da Educomunicação e da perspectiva crítico freiriana. A prática educ comunicativa apoiada na perspectiva da pedagogia mediática. Ao partir da cultura local através da Festa Junina, a pesquisa conseguiu realizar a prática educ comunicativa na escola; produziram criativamente novas mensagens valorizando e difundindo a cultura local; criaram novos espaços para as narrativas surgidas na prática; tais experiências destacam a importância do aluno como sujeito multidimensional no processo educativo.

Palavras-chave: Educomunicação (educação e comunicação), linguagem audiovisual, cultura popular, festas e currículo.

## ABSTRACT

This work has as object of study the interrelation between education, communication and culture, those are presented in the pedagogical process of Festa Junina at High school teaching schools in the city of Pilar. With the objective to reflect the possibility to develop communication abilities and trends in the students, being provided their critical capacity front to the communication medias, new pedagogical spaces that propitiate the valuation, preservation and diffusion of the popular culture of Pillar as the proposal to widen the curriculum. From this place, this research has been overcome as empirical object - the pedagogical project and the amateur video of 1<sup>st</sup> SESICULTURA – Festa Junina - it had as objective to mobilize the interaction between the school and the local community around the Festa Junina. For the present work it has been adopted the theoretician/methodological and practical approach, given to the features of the research that has been supported by the participant research, also, it made possible to walk through by techniques of the ethnograph research, an opened project, mediated by Edu-communication and Paulo Freire's critical perspective. The edu-communicative practical supported by pedagogical mediática. Starting from the local culture through Festa junina, the research got to reach the edu-communicative practical at school; they had produced new messages creative valuing and spreading out the local culture; they had created new spaces for the narratives appeared on the practical one; such experiences detach the importance of the multidimensional student as subject in the educative process.

KEY WORDS: edu-communication (education and communication), audiovisual language, popular culture, folk dance and curriculum.

## EL RESUMEN

Este trabajo tiene como objeto el estudio de la inter.-relación entre la educación, comunicación y cultura, presentes en el proceso pedagógico de la Fiesta Junina en las escuelas de Ciclo Básico en la ciudad de Pilar. Tiene el objetivo de reflexionar sobre la posibilidad de desenvolver habilidades y tendencias comunicacionales en los alumnos, proveído su capacidad crítica ante los medios de comunicación, nuevos espacios pedagógicos mediáticos que propicien la valorización, preservación y difusión de la cultura popular de Pilar, para la propuesta de un currículo más amplio. De ese lugar, se tomo como objeto empírico – el proyecto pedagógico y el vídeo ‘amador’ del “1 ° SESICULTURA – Fiesta Junina” – cuyo objetivo es movilizar la interacción entre la escuela y la comunidad local en torno de la Fiesta Junina. Para el presente trabajo, fue adoptado el abordaje teórico/metodológico y práctico, dadas las características de la pesquisa, nos apoyamos en los presupuestos de la pesquisa participante, también, fue posible utilizar las técnicas de la pesquisa etnográfica, en un esquema abierto, mediada por el abordaje de la Educomunicación y de la perspectiva crítico freiriana. La práctica educomunicativa apoyada en la perspectiva de la pedagogía mediática. Desde la cultura local a través de la Fiesta Junina, la pesquisa conseguí realizar la práctica educomunicativa en la escuela; Realizaron creativamente nuevos mensajes valorizando y difundiendo la cultura local; Crearon nuevos espacios para las narrativas surgidas en la práctica; Estas experiencias destacan la importancia del alumno como sujeto multidimensional en el proceso educativo.

Palabras-importantes: Educomunicación (educación, comunicación), lenguaje audiovisual, cultura popular, fiestas y currículo.

## SUMARIO

<b>LISTA DE FOTOGRAFIAS</b>	13
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS</b>	15
<b>INTRODUÇÃO</b>	16
<b>CAPITULO I - HISTÓRIA E FESTA DE PILAR</b>	34
1.1. Uma breve contextualização	38
1.1.1. Anos dourados de Pilar	44
1.1.2. Anos da República: decadência de Pilar	53
1.2. Redescoberta do Brasil: regionalização da cultura popular	56
1.2.1 A luta por manter a tradição popular de Alagoas	63
1.3. A Festa expressão de um povo	66
1.4. Os símbolos identitários de Pilar	68
1.4.1. Manifestações folclóricas de Pilar	70
1.4.2. As Festas Populares e Religiosas de Pilar	82
<b>CAPITULO II – EDUCOMUNICAÇÃO E CULTURA: UM DIÁLOGO MEDIÁTICO E TRANSDISCIPLINAR</b>	95
2.1. Definindo conceitos: Educomunicação	99
2.1.1 Comunicação Educativa	104
2.2. Comunicação e Cultura: campos de mediação e recepção	106
2.3. Os meios de comunicação e as Políticas Públicas Educacionais	112
2.3.1. O uso do vídeo na escola	117
2.4. Um novo olhar: currículo cultural e crítico	118
2.4.1. O currículo como política cultural	123
2.4.2. A festa como “currículo vivido”	127

<b>CAPITULO III – FESTA JUNINA NA ESCOLA – UMA PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA</b>	129
3.1 A festa: identidade cultural nas escolas de Pilar	131
3.1.1 Festa/folclore nas escolas de Alagoas	134
3.1.2 Projeto: Folguedos nas escolas estaduais	137
3.2. As Festas populares nas escolas de Pilar	139
3.2.1 A Festa Junina nas escolas de Pilar	146
3.3 A Festa Junina na sala de aula – “1º SESICULTURA– Festa Junina”	150
3.4. Pontos de encontros na Festa Junina	159
3.4.1 A Festa Junina através do vídeo e da fotografia	162
3.5. Uma nova perspectiva: a prática educomunicativa na escola	166
3.6. Produção a partir da prática educomunicativa	172
<b>CONSIDERAÇÕES E PROPOSTAS</b>	180
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	189
<b>ANEXOS</b>	197

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Praça Floriano Peixoto e Igreja Matriz N.S. do Pilar_____	35
Figura 2 – Igreja de São Benedito_____	35
Figura 3 – Casa da Cultura “Prof. Arthur Ramos” _____	35
Figura 4 – Antigo Colégio Ginásio Nossa Senhor do Pilar _____	35
Figura 5– Casa Grande do Engenho Novo_____	36
Figura 6 – Casa Grande do Engenho Flor de Paraíba_____	36
Figura 7 – Antigo Engenho Velho – Escola E. Oliveira e Silva_____	44
Figura 8 – Sociedade Fraternidade e Instrução dos Caixeiros de Pilar_____	49
Figura 09 – José Benjamin e José Inaldo Soares dos Santos _____	51
Figura 10 – Baianas da Melhor Idade de Pilar _____	71
Figura 11 – Cavalhada de Pilar _____	72
Figura 12 – Pastoril Infantil “Estrela de Pilar”_____	73
Figura 13 – Joana Gajuru - Mestra do Guerreiro Alagoano _____	75
Figura 14 – Guerreiro de Joana Gajuru _____	77
Figura 15 – Quadrilha “Xamêgo Matuto de Pilar” (1993)_____	79
Figura 16 – Quadrilha “Show Xamêgo de Pilar” (2004) _____	79
Figura 17 – Coco-de-Roda Resgate a vida de Lampião _____	82
Figura 18 – Igreja Matriz de N. S. do Pilar _____	84
Figura 19 – Imagem de Nossa Senhora do Pilar _____	84
Figura 20 – São Benedito _____	85
Figura 21 – Procissão – demais santos _____	85
Figura 22 – Blocos de Carnaval - Leão de Aço e Os Caçadores_____	86
Figura 23 – Quadrilha “Show Xamêgo de Pilar” _____	89
Figura 24 – Casamento Matuto de Pilar_____	92

Figura 25 – Encenação da Última Execução do Brasil_____	143
Figura 26 – Bumba Meu Boi, Mestre Canário – _____	144
Figura 27 – Pastoril Infantil “Estrela de Pilar” - _____	144
Figura 28 – Escola M. Padre Cícero - II Feira de Ciências_____	148
Figura 29 – E.M.E.F. Deputado Oséas Cardoso - IV FORROSÉAS_____	149
Figura 30-31 – Escola P.Machado de Assis - Trabalho da Festa Junina____	149
Figura 32 – Barraca das Danças e Música – 1ª e 2ª séries _____	154
Figura 33 – Barraca São Pedro – 1ª e 2ª séries _____	154
Figura 34 – Barraca dos Fogos – 2ª série_____	154
Figura 35 – Barraca Pescaria de Informações – 3ª série_____	155
Figura 36 – Barraca de São João – 3ª série _____	155
Figura 37 – Barraca de Comidas Típicas – 3ª série B _____	155
Figura 38 – Barraca Os Balões – 4ª série C _____	156
Figura 39 – Coco-de-Roda “Resgate a vida de Lampião”_____	157
Figura 40 – Seminário – prática educomunicativa_____	167
Figura 41 – 42 – Projeção do vídeo-amador na Escola M. SESI_____	168
Gráfico 1 – Porcentagem da leitura audiovisual do vídeo-amador _____	169
Figura 43 – Grupo vermelho_____	174
Figura 44 – Grupo azul_____	174
Figura 45 – Grupo verde_____	174
Figura 46 – Desenhos – prática educomunicativa_____	175

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**IBAMA** – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis  
**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
**N-IBGE** – Nacional - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
**IHGA** – Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas  
**PRODER** – Programa de Emprego e Redá do SEBRAE  
**RPPN** – Reserva Particular do Patrimônio Natural  
**SEBRAE** – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas  
**UPGN** – Unidade de Processamento de Gás Natural – PETROBRAS/PILAR-AL.  
**SEMEC** – Secretaria de Educação Municipal de Esporte e Cultura/ Pilar  
**SED/AL** – Secretaria de Estado da Educação/Alagoas.  
**U.D.I.**– Unidade de documentação e informação  
**TIC**- Tecnologias de Informação e Comunicação  
**UFAL** – Universidade Federal de Alagoas  
**CEDU** – Centro de Educação  
**ASFAL** – Associação dos Folgedos Populares de Alagoas  
**NCE** – Núcleo de Comunicação e Educação do  
**ECA/USP** – Escola de Comunicação e Arte/Universidade de São Paulo  
**MEC** – Ministério da Educação  
**PCNs** – Parâmetros Curriculares Nacionais  
**LDB** – Lei de Diretrizes e Bases  
**MinC** – Ministério da Cultura

## INTRODUÇÃO

Entendemos que a cultura popular e a vida cotidiana, se referem a uma ação humana totalizadora que deve ser trabalhada na escola, porque serve para múltiplos propósitos educativos, e sobretudo para o mais importante, a valorização do entorno local. Expressões como as Festas Populares e Religiosas, que se referem a um passado histórico, a uma geografia, a condições e potencialidades econômicas, a uma maneira de trabalhar, sonhar, em outras palavras à trama através da qual se filtra e constrói a vida, está presente no cotidiano pedagógico da escola.

A pesquisa que sustenta este trabalho reflete não apenas meu envolvimento com a temática, como a própria complexidade inerente à realidade da cultura popular alagoana. Na realidade, ela teve início no segundo semestre do ano de 2002, através da participação em uma pesquisa sobre a cultura popular alagoana, onde tive a oportunidade de conhecer 52 municípios do interior do Estado, além da experiência na área da comunicação, cultura e educomunicação em meu país de origem (Bolívia). Assim, o fascínio pela cultura popular alagoana foi crescendo e levou-me a desvendar o interesse pela dinâmica das Festas Populares no cotidiano das escolas.

Procurando o caminho da asseveração de minha paixão pela cultura popular e os novos conhecimentos que precisava adquirir no campo da educação, foi então que o Curso de Mestrado em Educação no CEDU/UFAL, possibilitou-me trabalhar e propor um projeto no qual pretendia investigar, identificar e analisar a inter-relação da educação e da comunicação: educomunicação e cultura, a partir das relações sociais existentes na Festa Junina no processo de ensino/aprendizagem nas escolas do Ensino Fundamental no Município de Pilar, enquanto prática educacional, para a valorização, a preservação e a difusão da cultura local.

Nesse sentido, elegemos o município de Pilar, como universo espacial da pesquisa, considerando que estudar uma cidade exige um grande desafio, no mínimo, a reconstrução dos passos da formação histórico-cultural; o “percurso” dos caminhos da

configuração natural e organização espacial; assim como a “intromissão” no cotidiano para compreendê-la como espaço de uma construção sócio-cultural. A nossa escolha por Pilar, vincula-se ao fato da preservação das tradições culturais e folclóricas, ainda mantidas vivas, por esse fato, Pilar é considerada a cidade com o maior calendário de Festas Populares e Religiosas do Estado, além de ocupar um lugar singular na história social e econômica de Alagoas, com seu particular patrimônio histórico – cultural e natural que a caracteriza no passado e a caracteriza no presente.

Para entender a complexidade cultural pilarense, consideramos como próprias às palavras de Geertz, “compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade” (GEERTZ, 1978, p. 24), por isso, enfatizar as particularidades do local da pesquisa, em nenhum momento significa fechar-se nela, na verdade, ao abordar as Festas Populares de Pilar, precisamos cuidar para não incorrer, no erro de pensar que elas são nichos culturais preservados, sem mudanças. Seguindo esse raciocínio, ainda Geertz, em seu livro ‘Negara’, previne contra esta tentação, evitando cair na falácia de considerar Bali como fóssil, com um “[...] museu da cultura Indonésia pré-colonial intacta [...]” (GEERTZ, op.cit., p. 25). A preocupação do autor, faz-se uma alerta para a importância, de se levar em conta o tempo e o lugar na interpretação dos dados culturais que se está observando, pois só à luz dessa realidade nos revela o verdadeiro sentido de sua particularidade.

Por sua vez, Carlos R. Brandão, afirma

viver uma cultura é conviver com e dentro de um tecido de que somos e criamos, ao mesmo tempo, os fios, o pano, as cores o desenho do bordado; viver uma cultura é estabelecer em nós e com os outros a possibilidade do presente, assim, ela consiste tanto de valores e imaginários que representam o patrimônio espiritual de um povo, quanto das negociações cotidianas através das quais cada um de nós e todos nós tornamos a vida social possível e significativa, transforma-se em um extraordinário leque de alternativas de experiências de comunicação entre nós e a trama de seus símbolos e sentidos (BRANDÃO C, 2002, p. 22-24).

À luz dessas reflexões, desde o início da pesquisa, o convívio com os moradores de Pilar, possibilitou identificar-nos, independente de nossas diferenças culturais (idioma e nacionalidade), nisso, ao ver as crianças e jovens, participando de todas as atividades e encontrando-se em cada situação que se apresentava nas Festas Populares, dava-me a certeza de ter encontrado o fio da meada de um mundo diferente, com os papéis definidos e com a aprendizagem constante, sobre a liderança dos Mestres de Folguedos, de modo que à Festa vivida pelas crianças e jovens na escola de forma cíclica, levou-me a pensar em como aproveitar aquela experiência.

Nossa abordagem foi realizada com base teórico/metodológico e prático, na inter-relação da educação e da comunicação, denominada “Educomunicação”<sup>1</sup>, definida como toda ação comunicativa no espaço educativo, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos, conceito definido a partir da sugestão de Mário Kaplún.

Entendemos a comunicação como a situação básica na vida humana, e no caso específico da vida escolar, defendemos que uma pedagogia só realmente se efetiva quando a comunicação ocorre e garante não somente ao professor, mas igualmente ao aluno, o espaço de diálogo, e nesse processo de inter-relação da educação e da comunicação na perspectiva da cultura, deve contemplar uma proposta educativa que englobe não somente a fala, o quadro e o giz, mas igualmente os meios de comunicação e tecnologias de informação, sobretudo leve em conta a formação cultural do aluno, valorização da identidade, e portanto, o exercício de um sujeito criativo e crítico.

Nesse contexto, essa foi minha escolha para que, após o trabalho teórico, pudesse oferecer uma proposta de trabalho que permitisse reunir alunos e professores no âmbito dessa temática, bem como possibilitar a comunidade escolar de Pilar uma maior discussão sobre a cultura popular – Festa e os meios de comunicação, a partir da prática educacional através do uso do vídeo na sala de aula.

---

<sup>1</sup> Termo criado por Mário Kaplún (1923-1998).

Embora a produção de um vídeo documental, mas propriamente o vídeo como produção<sup>2</sup>, fora nossa motivação inicial das atividades, além do projeto da Rádio-Escola e o Seminário, uma vez que definimos um corte para otimizar o trabalho, optou-se pela fotografia, assim como pelo vídeo-amador da Escola Municipal “SESI”, este último como material in bruto filmado, pois, por razões metodológicas, não foi possível investir, num trabalho profissional de edição. Quanto ao projeto da Rádio-Escola e o Seminário, ficaram inviáveis, por razões metodológicas e pelo momento eleitoral que estava vivendo o Município de Pilar.

A escolha do problema para a dissertação de Mestrado não aconteceu aleatoriamente, mas a partir da preocupação com relação aos alunos e aos professores das escolas do Ensino Fundamental de Pilar, e as possibilidades de desenvolver a pesquisa, optei por uma área de mobilidade na qual pudesse trabalhar não apenas os novos conhecimentos que precisava adquirir, sem perder de vista o horizonte teórico do campo da Educomunicação. Por tanto, são pertinentes indagações como: O que a Festa Junina provoca na escola e que acontece nesse processo de ensino/aprendizagem na sala de aula? É possível a Festa ser um currículo vivido? Como aparecem os meios de comunicação no cotidiano da escola? A educomunicação pode-se ser vista como um espaço de produção cultural na escola?

A hipótese da qual partimos, foi que ao realizar a prática educacional através do uso vídeo, poderia garantir essa reflexão, mas somente com uma análise cuidadosa, incluindo atividades com a linguagem audiovisual, poderiam comprovar sua validade ou não. Nisso, diante do tempo limitado, consideramos o vídeo e a fotografia, como os meios de comunicação que nos permitiria refletir, no momento mesmo da leitura, sendo escolhidos em detrimento de outros suportes como programas televisivos e radiofônicos.

---

<sup>2</sup> Segundo José Manuel Morán, “o vídeo como produção é o registro de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, entrevistas, de depoimentos, este a sua vez pode ser como intervenção, como expressão: onde os alunos fazem o vídeo e a escola incentiva à produção do vídeo, está tem uma dimensão moderna e lúdica, possibilitando, ao filmar uma das experiências mais envolvente para o aluno”. Cf. na Revista Comunicação & Educação, No. 2 de 1995, nas p. 28 e 29.

O interesse desta pesquisa esteve, portanto, centrado no significado que os meios de comunicação e a Festa Junina, trouxeram para o dia-a-dia do aluno, através da prática educacional. O estudo das Festas Populares serviu de apoio à produção e à realização das mensagens comunicacionais com a proposta de debates críticos, espaços de diálogo, compartilhamento de opiniões, tendo como suporte o vídeo e a fotografia na sala de aula. Eles se constituíram como um importante material de análise da realidade do município e sua importância para valorização, preservação e difusão da cultura local.

Partimos da premissa de que o estudo da realidade vivida pelo grupo pesquisado – escola (alunos, professores) e a comunidade (Mestres de Folgedos, artistas, moradores) – e sua percepção da realidade constituem o ponto de partida e a matéria-prima do processo educativo. Sobre isso, nos lembra Paulo Freire,

“educação não é sinônimo de transferência de conhecimento pela simples razão de que não existe um saber feito e acabado, suscetível de ser captado e compreendido pelo educador e, em seguida, depositado nos educandos, pois, o saber não é uma simples cópia ou descrição de uma realidade estática. A realidade deve ser decifrada e reinventada a cada momento” (Freire apud BRANDÃO C, 1999a, p. 19).

E afirma a verdadeira educação como um ato dinâmico e permanente de conhecimento centrado na descoberta, análise e transformação da realidade pelos que a vivem. Dentro desta perspectiva, compreender a riqueza do cotidiano escolar, a partir dos relatos e da construção do conhecimento coletivo resultante das discussões com o grupo pesquisado, certamente busca-se contribuir a uma discussão específica sobre a cultura popular – Festas Populares – na escola.

A nosso ver, a tentativa foi fundamental, para abancar na pesquisa, e procuramos sustentar esse desafio na afirmação de Paulo Freire, “avaliar essa prática não como quem fica de fora dela para descobrir o que há de ruim nela, mas como quem está dentro dela à procura de melhorar-se pela melhora dela” (FREIRE, 1998, p. 94 apud MOURA, 2004, p. 20).

Dadas as características da pesquisa, a abordagem que se mostrou mais adequada, foi da pesquisa participante, para isso nós referenciamos em Brandão C (1999a, 1999b), que nos possibilitou utilizar um conjunto de instrumentos, como a sistematização de experiências; diário etnográfico; questionários; relatórios; roteiros de entrevistas; cronogramas; fichas de informações, em função do objetivo da pesquisa.

Também permitiu caminhar nas técnicas tradicionalmente adotadas pela pesquisa etnografia, como a observação participante; a entrevista não estruturada e com uns de seus suportes, a fotografia. A partir da releitura em Fazenda (2002), utilizamos um esquema aberto e artesanal de trabalho possibilitando mediar constantemente entre a observação e a análise, teoria e empírica, além de flexibilizar o esquema de trabalho e utilização de diferentes técnicas de coleta e de fontes variadas de dados, conjugando dados da observação e de entrevista com resultados de testes ou com material obtido através de levantamentos, registros de documentos, fotografias e produção do próprio grupo pesquisado. Tudo isso permitindo uma descrição densa da realidade estudada, sendo inúmeros instrumentos encarregados da coleta, do tratamento e da transmissão de informação.

Na pesquisa bibliográfica, utilizamos livros, revistas, jornais, relatórios, manuscritos, documentos, trabalhos acadêmicos, CD-Rom e Internet, meios que possibilitaram descobrir que esses assuntos têm preocupado pesquisadores não somente da Educação, mas igualmente das Ciências da Comunicação, assim como aos grupos que estão fazendo uma releitura contemporânea do denominado Folkcomunicação, disciplina científica que foi criada pelo professor Luis Beltrão, pernambucano de Olinda em 1967, trata do estudo do folclore como expressão comunicacional, define como “o conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, idéias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e de meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (BELTRÃO, 2001, p.79).

Na fase introdutória da pesquisa de campo, a observação-participante teve uma função importante no levantamento e coleta de dados, tanto no sentido metodológico e objetivo, com no feedback desse instrumento com a temática aqui proposta.

Pois, da primeira a última fase da pesquisa, em todo momento, houve a observação-participante, considerada antes de tudo uma coleta de informações, entendendo “a interação de ‘sujeito observador’ com o ‘sujeito observado’, deve ver sem ser visto” (EL ANDALOUSSI, 2004, p. 118), é dizer, essa observação-participante vem do interior, dando a perspectiva inicial de envolver-se, conviver e participar das atividades cotidianas, ou seja, sentir, tocar, ‘viver’, ouvir. Levando em consideração tudo isso, foi possível conviver com o grupo pesquisado desde o início até o final da pesquisa, durante um período de sete meses, de janeiro de 2003 a outubro de 2004.

Ao iniciar propriamente a parte prática da pesquisa, aplicamos entrevistas e questionários, seguindo o esquema do usualmente denominados questionários semi-estruturados e “livre” com perguntas abertas, em que seguimos um núcleo de questões básicas, na verdade, foi mesmo um diálogo, com o município, alunos e professoras, sendo nosso ponto de partida para investigarmos o alcance das atividades realizadas e aprofundarmos os seus diferentes pontos de vista ao tema proposto. Cada entrevistado foi nomeado pelo local da entrevista, como outros, deram licença para identificar-se nas respostas e depoimentos, simultaneamente, os depoimentos foram anotados sob forma descritiva e textual.

Na entrevista “livre”, levamos em conta as recomendações de BRANDÃO C (1999b, p. 28), “as relações sociais não são perceptíveis a olho nu; bem ao contrário, elas são mais ou menos encobertas por uma ordem estabelecida e por uma estrutura de dominação”, nesse sentido, o tema proposto pela pesquisa facilitou o envolvimento do município, pela afinidade e identificação com a cultura local, compreendendo não apenas os dados da realidade vivida – Festas Populares, tradições, costumes – como também a importância da percepção que têm de sua própria realidade enquanto espaço de diálogo com a escola e os meios de comunicação.

Igualmente, foi possível trabalhar com a “entrevista narrativa”<sup>3</sup>, segundo BAUER & GASKELL (2000, p. 100), “consiste em pedir às pessoas que contem sua vida, tanto como um todo, ou focando, por exemplo, em algum fato de sua vida que tinha marcado, tendo como particularidade [...] a narrativa espontânea mais longa da vida do entrevistado [...]”, durante a qual, como pesquisadores devemos abster-nos de intervenções diretas, nesse contexto, nós apoiamos na entrevista, para o levantamento dos dados de saberes/fazer dos Mestres de Folgedos, contadores de estórias e moradores idosos de Pilar.

Seguindo essas leituras, na aplicação do questionário durante e ao final da pesquisa, pretendemos indagar até que ponto o trabalho realizado foi importante na formação dos alunos, recolhendo os pontos positivos e negativos, além de sugerir uma auto-avaliação, é dizer, uma retroalimentação pelo vídeo/foto<sup>4</sup>, de modo que pudessem definir o grau de interesse que tiveram, além da participação nas atividades realizadas, definindo, assim, algumas considerações sobre o trabalho como um todo.

Nesta fase, o vídeo e a fotografia, foram utilizados como documentos, tendo “o vídeo a função de registrar dados que foram difícil de ser descrito compreensivamente por um único observador, enquanto ele se desenrola” (BAUER & GASKELL, 2000, p. 148). Entendendo que “o registro de imagens através de uma câmera de vídeo consistiu num conjunto de anotações de pesquisa de campo, igualmente acessível, e mais eficiente que as memórias ou notas literárias levantadas na pesquisa”<sup>5</sup>, além da revisão de situações retro-informadoras do vídeo-amador, permitiram uma discussão em mais profundidade, mais esclarecimento, mais debate e diálogo e uma discussão das ações não realizadas e suas implicações no espaço escolar.

---

<sup>3</sup> A entrevista narrativa, “é como uma forma de entrevista não estruturada, que gera história, sempre aberta quanto aos procedimentos analíticos que seguem a coleta de dados. Onde as narrativas do grupo, não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço” (BAUER & GASKELL, 2000, p. 90-109).

<sup>4</sup> A retroalimentação pelo vídeo/foto, definida por Bauer & Gaskell (2000, p. 511) “consiste no uso de vídeo, ou imagem fotográfica, para estimular os informantes a comentar sobre imagens e, desse modo, tanto explicar o que está acontecendo, como ajudar na evocação de memórias, opiniões e comentários valorativos”.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 174.

Quanto ao registro fotográfico trabalhamos como instrumento de pesquisa para apoiar a descrição da realidade do município, fazendo um corte de espaço e tempo, determinado pelo contexto sócio-cultural e político-econômico no momento que o “lócus” estava sendo pesquisado. Esse recurso, segundo Fazenda (2002) considera-se um dos suportes mais eficazes na análise etnográfica como testemunho de um momento significativo da realidade pesquisada.

Dessa forma, os trabalhos realizados por Rossana Gaia Viana (Alagoas, 2001a, 2001b); Geísa Brayner Ramalho (Alagoas, 2003); Severina Mártyr Lessa de Moura (Alagoas, 2004); Maria da Glória da Veiga Moura (São Paulo, 1997) e de Moises de Melo Santana (São Paulo, 2002), deram lugar a uma literatura relativamente extensa, nos serviu de apoio quando, ao longo do trabalho, tornou-se evidente a necessidade de esclarecer as questões suscitadas na pesquisa de campo.

Retomamos temas como a cultura popular, identidade cultural e a festa. O estudo dessa bibliografia relativa a educomunicação, a pedagogia mediática, a comunicação educativa, a linguagem/leitura audiovisual, ao currículo cultural e crítico, assim como a historiografia recente permitiu reconhecer a especificidade de nosso material de pesquisa. Isso levou a privilegiar a Educomunicação e a cultura, está última, entendida como cultura popular expressada na Festa Junina, como eixos deste trabalho. A educomunicação como compreensão e conhecimento de uma leitura da comunicação desde a educação e a educação desde a comunicação, a segunda, como fator de afirmação da identidade dos grupos envolvidos.

E no conjunto dos trabalhos levantados sobre as Festas Populares nas escolas, foram encontrados poucos registros e publicações sobre o tema. Porém, a escolha pela Festa Junina se deu tendo em vista a observação de campo, conferindo a importância para os moradores de Pilar, permitindo-me confirmar que os valores de uma cultura viva e dinâmica se afirmam através delas sendo um elemento aglutinador da identidade cultural na escola e na comunidade.

Inicialmente a pesquisa foi realizada no período de janeiro de 2003 a março de 2004. Esse período possibilitou-nos conhecer e fazer o levantamento de dados sobre a história do município; as manifestações culturais e folclóricas atuais, bem como as celebradas no passado, a fim de engajar um diálogo mais sistemático com o município e com as escolas. Para isso, foi necessário desenhar o “perfil do grupo”, essa fase exploratória, iniciada através da observação-participante; análises da pesquisa bibliográfica e documental, simultaneamente aos depoimentos e relatos do grupo envolvido com a pesquisa, possibilitaram atingir seu ‘viver’ e sentir/ser “pilarense”, visando estruturar o contexto sócio-cultural de Pilar entorno das Festas Populares/Juninas na escola.

Seguidamente, delimitamos o período de abril a outubro de 2004, considerando todos os possíveis incidentes de percurso, como jogos escolares, feriados e provas bimestrais. Desse modo, começamos o contato com as escolas no final do mês de abril de 2004. Elaborou-se um cronograma que garantiria o máximo de aproveitamento do tempo nos encontros, definido pela ordem cronológico das Festas Populares nas escolas e pelo cronograma da própria pesquisa.

A este propósito à aproximação com as escolas propriamente dita, ocorreram nos primeiros contatos em dez escolas do Ensino Fundamental de Pilar, com objetivo de ouvir e registrar suas versões orais das narrativas construídas enquanto a forma de apreender e recriar as Festas Populares. Nessas primeiras percepções, delimitamos nosso universo escolar a ser pesquisado, para tal efeito acompanhamos as apresentações das Festas Populares, lembrando que o tempo era curto e tínhamos que cumprir com o cronograma do Mestrado.

Nesse período, aplicamos o questionário, feito com perguntas abertas, a qual responderam 15 dos 25 entrevistados, além da entrevista semiestruturada, livre e narrativa, da qual responderam 38 dos 50 entrevistados, sendo 30 entrevistados, nas escolas e 20 entrevistados na comunidade, a fim de conhecer sua apreensão sobre a cultura local; identificação dos símbolos identitários de Pilar; as Festas que são recriadas

e reproduzidas na escola; a valorização e transmissão da cultura local e sua percepção sobre os meios de comunicação no espaço escolar.

Foram nos primeiros doze encontros dos meses de abril a junho, que obtivemos dados mais precisos das Festas Populares que eram desenvolvidas pelas/nas escolas. Registramos e levantamos dados das festas e eventos cívicos, mais celebrados, como o Carnaval, a Encenação da Última Execução do Brasil (28 abril), a Emancipação de Pilar (08 maio), a Festa Junina, a Festa do Folclore (22 agosto) e o 7 de setembro. A partir desses levantamentos, podemos observar-participar da Festa de Carnaval, da Encenação da Última Execução do Brasil, da Festa Junina e da Festa do Folclore.

Destarte a escolha pela Festa Junina, foi pelo tempo e espaço que ocupa na escola, além da forma como é recriada/reproduzida, sendo importante seu caráter formativo da identidade cultural nos alunos do Ensino Fundamental de Pilar, além da demanda maior de investimento de parte dos professores e do maior envolvimento dos alunos, em cada uns dos momentos da Festa, enfatizando a memória coletiva e ativando as lembranças que manifestam a tradição na festa.

Iniciamos nosso aprofundamento na Festa Junina em seis escolas da 1<sup>o</sup> as 4<sup>o</sup> séries da área urbana do Pilar, e para um maior aprofundamento, do objetivo da pesquisa, selecionou-se uma escola: Escola Municipal de Ensino Fundamental Thomas Popeu de Souza Brasil Filho – SESIS- Extensão da Unidade Escolar Padre Cícero, mais conhecida como Escola Municipal “SESI”.

É a partir do entendimento das duas vertentes teóricas da Comunicação e da Educação, abordadas amplamente, permitiu destacar o aspecto central de ambas, a mediação e o processo, daí a inter-relação entre os campos, sinalando o caráter processual das mediações em comunicação e a natureza mediadora dos processos educacionais. A Festa Junina nas escolas de Pilar, permitiu trabalhar esses campos como espaços sócio-culturais, dialógicos e mediáticos na construção da identidade cultural do aluno, visando implementar esse projeto na prática pedagógica para valorizar, preservar e difundir a cultura local.

No Capítulo I, História e Festas de Pilar; na primeira parte, realizamos uma abordagem histórica e crítica do município de Pilar/Alagoas, como contexto produtor e criador das Festas Populares e suas relações sociais existentes ao longo de processos históricos que foram relevantes, desde a efetivação do projeto Colonial no Brasil, a partir da ocupação do Extremo Sul da capitania de Pernambuco – as terras de Alagoas – visando responder as razões lançadas o porque do município de Pilar como estudo e universo espacial da pesquisa.

Para tanto, recorreremos à transmissão histórica, através das contribuições dos autores alagoanos Dirceu Lindoso (1981, 2000); Douglas Apratto (1979, 1997); Moacir Medeiros de Sant’Ana (1959); José Maria Tenório Rocha (1990) como outros que deixaram nas suas obras a importância da cultura e o folclore Alagoano: Moreno Brandão (1909, 1999); Theo Brandão (1976, 2003); Manuel Diegues Júnior (1980); Craveiro Costas (1930); Abelardo Duarte (1974); Alfredo Brandão (1999); Pedro Teixeira de Vasconcelos (1977) assim como o legado a cultura popular alagoana da Rainha do Guerreiro Alagoano, a Mestra Joana Gujuru e do pilarense, folclorista, pesquisador, professor Ranilson França (falecido em 14/08/2006).

E nos dias atuais, na memória histórica e cultural-artística de Pilar, Antonio Sapucaia; Benigna Fortes Cavalcante; José Benjamin; José Inaldo Soares dos Santos; Sergio Moraes. Também é destacável o importante aporte à cultura local dos Mestres de Folgedos, chamados de “*memória viva da cultura*” (grifo nosso).

Continuando, abordaremos criticamente esse processo histórico do projeto colonizador a partir das teorias explicativas do Brasil, no período de finais do século XVIII e início do século XIX, e seu processo de investigação sob as Festas Populares, focado no folclore, fundamentalmente, nos estudos desenvolvidos por Carlos Rodrigues Brandão (1985, 1998, 2002); Luis da Câmara Cascudo (1940); Gilberto Freyre (1963, 2001), entre outros.

Já a abordagem, que compreende o período, finais do século XIX ao ano de 1970, buscando uma cultura brasileira, é dizer, buscando a origem dos estudos e dos interesses sobre as questões da “regionalização da cultura popular”, o folclore e suas implicações

para a educação no interior da diversidade cultural, tomamos como referência à perspectiva dos autores Carlos Rodrigues Brandão (2002); Vivian Schelling (1990); Alfredo Bosi (1987); Renato Ortiz (1998) e dos autores alagoanos Durval Albuquerque (1999) e Luiz Sávio de Almeida (2003).

Nesse referencial tentaremos abordar os pontos relevantes dos estudos a cultura popular no Brasil, sobre isso, nas análises do folclorista Renato Ortiz (1988) que destaca a Sílvio Romero, mostrar o primeiro grupo de intelectuais voltados ao estudo do folclore nacional, que nesse fecundo período como sabemos, abraçou a “causa nordestina”, daí ações iniciadas na década de 1930 a 1940, que são profícuas para o estudo da cultura popular alagoana, destacando-se deste período o surgimento de duas “escolas” de pesquisa, a “Escola de Maceió” e a “Escola de Viçosa”.

No tema das Festas Populares e Religiosas, que tem sido objeto de estudos antigos e recentes, interessando-nos sobretudo os que foram realizados no campo da História e de outras Ciências Sociais: Emile Durkheim (1968), C. Geertz (1991), Alfredo Bosi (1987) entre muitos outros, será nas análises destes e de outros autores nos ajudaram a compreender dimensões diversificadas da problemática das Festas Populares de Pilar.

Nessas fundamentações, abordaremos conceitos sob a Festa como expressão do povo, baseadas nos trabalhos de Maria da Glória de Veiga Moura (1997) e de Rita Amaral (1995) na abordagem das Festas Populares e Religiosas, especialmente no Nordeste, mais especificamente, da Festa Junina, dando o embasamento, para iniciar-nos no debulhamento das Festas Populares e Religiosas, e manifestações folclóricas de Pilar, identificadas e registradas por Dirceu Lindoso (1981), nas obras deixadas dos historiadores e folcloristas, Théo Brandão (2003), Abelardo Duarte (1974) e Manuel Diegues Júnior (1980), além da memória oral dos Mestres de Folguedos e moradores de Pilar, visando compreender o surgimento dos símbolos identitários de Pilar e a escolha pela Festa Junina.

Do Capítulo II, Educomunicação – um diálogo mediático e transdisciplinar; iniciaremos com a reconceitualização da inter-relação da educação e da comunicação: educomunicação, como encontros teóricos e práticos, procurando mostrar as possíveis relações, pontos de encontros e aproximações entre as duas áreas, bem como suas implicações no processo do ensino/aprendizagem nas escolas de Pilar. Assim, apresentamos quatro grandes focos de estudo que nos apoiaram na fundamentação teórica do capítulo.

Definindo conceitos – Educomunicação; nos referenciamos na perspectiva dos teóricos da inter-relação da educação e comunicação: educomunicação, abordadas por Paulo Freire (1965, 1976, 1983); Mário Kaplún (1992b, 1993, 1997, 1999); José Marques de Melo (1998 apud GAIA, 2001a); Jesús Martín-Barbero (1987, 2000, 2003); David Buckingham (2003) e José Manuel Morán (1995, 2000) centrado na análise crítica da mídia, entre outros.

Abordaremos a Jesús Martín-Barbero, para compreender as reflexões sobre os ecossistemas comunicativos, além das complexas e novas teorias dos meios às mediações, igualmente abordaremos a Mário Kaplún, pioneiro da América Latina no campo dos estúdios que relacionam a comunicação com os processos educativos, em sua proposta da Comunicação Educativa, sobre isso, nosso interesse pela pedagogia mediática, cuja referência serão nas análises do autor David Buckingham (2003).

Comunicação e cultura: campos de mediações e recepção; referenciados em Jesús Martín-Barbero (1985, 1987, 1992, 2000, 2003), trataremos de identificar a comunicação como cultura, na proposta de MARTÍN-BARBERO (1985, p. 10), “os processos de comunicação a partir da cultura, leva-nos a reflexionar-la e abrir sua análise às mediações [...]”, e junto à análise do autor, tentaremos refletir às mediações no contexto da comunicação/cultura, entendida “como um novo olhar sobre os processos de comunicação, em que o receptor deixa de ser objeto para ser sujeito das mediações” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.11), e ainda sendo ampla as complexidades desse novo estudo, buscaremos compreender os três lugares de mediações, citados pelo autor, à

cotidianidade familiar; à temporalidade social e à competência cultural em relação com nosso objeto de estudo na pesquisa.

Os meios de comunicação e as Políticas Públicas Educacionais; serão discutidas as Políticas Públicas Educacionais que tratam da mídia na escola, para isso nos referenciamos nas políticas educacionais propostas pelo Ministério da Educação (MEC) para o Ensino Fundamental, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que indicam o trabalho com uso da mídia na sala de aula, assim como a Lei de Diretrizes e Bases que refletem com esse tema, nisso, as reflexões sobre os programas propostos pelo MEC e suas condicionantes a ser trabalhada nas escolas públicas.

Um novo olhar: currículo cultural e crítico; buscaremos ampliar a discussão da cultura como um campo contestado e ativo na teoria curricular, aliado a questões didáticas e de etapas de desenvolvimento. É em Paulo Freire, nos teóricos críticos – Henry Giroux (1997, 1981, 2002) e Michael W. Apple (1982), nos brasileiros estudiosos do grupo curricular Antonio Flávio Moreira (1995, 2002) e Tomaz Tadeu da Silva (1994, 1995, 1996, 2002), encontraremos a reconceitualização do currículo escolar. Desguardados as diferenças, esses pensadores comungam de pressupostos que sustentam o avanço dos estudos sobre o currículo crítico. Trata-se, também de reafirmar que Paulo Freire influenciou, significativamente, para que o currículo fosse abordado na perspectiva sócio-cultural e dialógico no Brasil e no mundo.

Nessas reflexões propõe-se a Festa Junina como ‘currículo vivido’ na escola, no sentido de um currículo crítico e como artefato cultural, visando o ‘currículo vivido’ como a interação das relações sociais existentes na festa, buscando afirmar as heranças culturais das novas gerações, permitindo afirmação da identidade cultural do aluno, sobretudo como sujeito sócio-cultural.

E nessa discussão da educação, da comunicação e da cultura no projeto, levou a uma questão do currículo, considerando o professor a trabalhar as questões levantadas pela mídia, poderá definir a importância de uma prática educacional, assim como a importância de fazer essa prática através da Festa Junina, visando-a de como é

apreendida e recriada como processo de ensino-aprendizagem na sala de aula, a fim de propor um projeto pedagógico, na perspectiva cultural, crítico e mediático.

No Capítulo III – Festa Junina na escola – uma prática educomunicativa, nesta fase, aconteceu à análise dos dados coletados e das atividades realizadas, assim, procuraremos refletir sobre a importância das análises da inter-relação da educação e da comunicação: educomunicação e procuraremos mostrar detalhadamente as etapas da parte prática da pesquisa.

O objeto de estudo apresentado propõe uma abordagem mais profunda e de outras perspectivas que, certamente, irão aumentar o leque de entendimento dele, desse modo, esse objeto poderá ter a possibilidade de ampliar e provocar um debate sobre a educomunicação como projeto pedagógico mediático ou pedagogia mediática no interior de uma cultura e da identidade cultural na escola.

Mas a proposta é culminar a pesquisa com ações para desenvolver habilidades e tendências comunicacionais nos alunos, promovendo capacidade crítica dos meios de comunicação, o interesse pela pesquisa com temas próprios como suas tradições e cultura local, proporcionando-lhes oportunidades de aprendizagem através da educomunicação, interagindo com o local e produzindo trabalhos pedagógicos resultado dessa prática educomunicativa.

Conforme observa Kaplún (1993), possibilitando configurar o espaço educacional como um lugar onde o processo do ensino-aprendizagem possa dar lugar à expressão pessoal dos sujeitos educandos – alunos – desenvolver sua competência lingüística, propiciar o exercício social mediante o qual se apropriaram dessa ferramenta indispensável para sua elaboração conceptual, e em lugar de confinarmos a um mero papel de receptores, criar condições para que eles mesmos gerem suas mensagens pertinentes em relação ao tema que estão apreendendo <sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Cf. KAPLÚN, Mário. "Del educando oyente al educando hablante". En: Dia-logos de la Comunicación. FELAFACS, Lima, 1993, p. 37.

Para atingir esse propósito, demos início à reflexão sobre a realidade na qual estava inserida a pesquisa; do contexto cultural dos alunos; da re-contextualização dos temas propostos na pesquisa: comunicação, educação: educomunicação e cultura, assim como da interação com o currículo cultural e crítico, e a partir desse embasamento teórico, oportunizou potencializar os saberes próprios da cultura local nos processos educativos/comunicativos, visando a percepção, a compreensão, interpretação dos contextos histórico-culturais nas práticas pedagógicas.

De modo de permitir um entendimento de cada etapa da parte prática, definimos as atividades em três etapas: encontros, seminário e produção criativa a partir da prática da prática educomunicativa. As etapas se desenvolveram no mês de setembro e outubro de 2004, procurando na primeira atividade abordar as questões sobre a avaliação do “1º SESICULTURA – Festa Junina”, enquanto ao segundo, nos detivermos com mais ênfase no conteúdo das matérias, a fim de realizar a releitura do trabalho, através da prática da linguagem/leitura do vídeo-amador e as fotografias na sala de aula, finalizando com a produção criativa de novas narrativas do projetado no vídeo e visto nas fotografias.

Nessa fase, as alternativas de trabalho na escola foram construídas em etapas aproximativas e cumulativas, permitindo o "feedback" constante dos participantes envolvidos, isso, possibilitou-nos criar um diálogo, sendo o início do processo de reflexão sobre o que foi projetado, sempre motivando ao diálogo e estimulando a reflexão crítica da história vista, questionando as atitudes e ações frente às circunstâncias similares no cotidiano, despertando a necessidade de analisar o que vêem e ouvem, para a formação de uma consciência crítica de sua realidade e entorno. Isso estimulou a elaboração de trabalhos de aplicação como resultado da reflexão motivada pela história vista, assim mesmo, realizou-se um debate sobre os temas abordados na projeção.

Confirmamos a ação e o compromisso desta prática, com a motivação a descobrir e expressar com atitudes positivas sobre o projetado, associando a suas vivências e com isso, convidamos a construir e expressar suas próprias mensagens, desenvolvendo livremente a imaginação, assim como incentivando para que produzam suas próprias historietas, desenhos e poesias.

Contudo, reconhece-se que há uma sociedade da multimediatização, cresce a urgência de reconhecer o fenômeno da comunicação e a necessidade de forçar na expressão e, a respeito, consideramos que devem dedicar-se esforços dos centros de ensino na atualidade. O estímulo à criatividade, a criticidade, ao diálogo, teria que ser um dos objetivos importantes que as escolas possam incorporar em seus projetos pedagógicos mediáticos, onde a inter-relação da educação e comunicação propõe-nos espaços de diálogo, sendo a Festa em si uma mediação.

Finalizando, apresentaremos as considerações e propostas finais sobre a temática investigada, percebendo a necessidade de continuação da pesquisa, sobretudo de prática, avaliação contínua e feedback ou retroalimentação dessa prática, com alunos, professores, coordenadores pedagógicos, enfim, a escola e a mídia no contexto da cultura local. Pois nosso objeto de estudo, em certos momentos da pesquisa, propôs a necessidade de outras abordagens e perspectivas que, certamente, terá um significado importante e valioso para a comunidade escolar alagoana, em especial a pilarense.

Tal objeto poderá ter a possibilidade de ampliar-se definitivamente para debates, encontros, seminários, estudos e projetos pedagógicos mais amplos, no contexto da realidade local, onde seja aplicado e desenvolvido, possibilitando o diálogo entre a escola e a cultura local com os meios de comunicação e tecnologias de informação. Além de motivar a uma formação continuada de professores no interior da mídia e da cultura – Festas na sala de aula, gerando espaços de diálogo, criatividade, criticidade, onde as “vozes” sejam escutadas, ouvidas e respeitadas nas suas experiências sócio-culturais tanto dos alunos, professores como dos precursores da cultura local, para sua valorização, preservação e difusão.